

QUEM SABE/TALVEZ: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DA MODALIDADE EPISTÊMICA NO PORTUGUÊS ORAL CULTO DE FORTALEZA

Klébia Enislaine do Nascimento e Silva*
Izabel Larissa Lucena**

Resumo

Este artigo tem como objetivo observar a manifestação da modalidade epistêmica em termos de variação das marcas modalizadoras *talvez* e *quem sabe* em três tipos de inquéritos: Elocução Formal (EF), Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2), no PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). Adotamos, como referencial teórico, a Teoria variacionista Laboviana, que diz ser a língua um fenômeno condicionado por fatores linguísticos e sociais. Verificamos que o modalizador *talvez* constitui o item não-marcado (forma conservadora) e o *quem sabe*, o item marcado (forma inovadora). A análise quantitativa indica que o *talvez* expressa, com mais frequência, as noções de possibilidade/dúvida/incerteza relacionadas a fatos. O *quem sabe*, por outro lado, é usado para manifestar essas noções no âmbito da irrealidade (não-factuality).

Palavras-chave: Variação, Modalidade Epistêmica, PORCUFORT

Abstract

This article aims at observing the expression of epistemic modality in terms of variation in marks modalizers of *who knows* and *maybe* in three types of surveys: Formal speech (EF), Dialogue between Informant and Documenter (DID) and Dialogue between Two informants (D2) in PORCUFORT (Cult Oral Portuguese of Fortaleza). We adopted the theoretical variatio nist Labovian Theory, which asserts that language is a phenomenon conditioned by social and linguistic factors. We verified that the modal *maybe* consists of an unmarked item (conservative form) and *who knows*, of a marked item (innovative form). The quantitative analysis indicates that *maybe* expresses the notions of possibility/doubt/uncertainty related to facts more frequently. *Who knows*, on the other hand, is used to express these notions in the context of unreality (non-factuality).

Keywords: Variation, Epistemic Modality, PORCUFORT

Considerações Iniciais

A Teoria Variacionista postula ser a língua um fenômeno inerentemente variável. Nesse sentido, a língua deixa de ser vista como uma realidade exclusivamente linguística, para ser compreendida como um elemento dependente da estrutura social em que seus usuários se inserem. Com base nesse pressuposto, o presente trabalho visa a descrever e analisar o comportamento linguístico e social dos modalizadores epistêmicos *talvez* e *quem sabe*.

* Doutoranda em Linguística (UFC) klebia.enislaine@bol.com.br

** Doutoranda em Linguística (UFC) izabel_larissa@yahoo.com.br

Para tanto, investigamos esses modalizadores a partir de três critérios linguísticos e um social. Em relação aos critérios linguísticos, analisamos a posição em que ocorre a marca modalizadora no enunciado (início, meio-fim e posição isolada), a presença ou ausência de outras marcas modalizadoras (subjativas) no enunciado no qual aparecem os itens *talvez* e *quem sabe* e, por último, os modos *realis* e *irrealis* relacionados aos estados de coisas expressos na predicação. Quanto ao condicionamento social, verificamos em que tipo de registro é mais frequente o uso de tais formas.

Utilizamos, para análise da regra variável modalidade epistêmica, inquéritos pertencentes ao PORCUFORT (EF, DID e D2). Fizemos uso, na investigação quantitativa dos dados, do programa GOLDVARB com o objetivo de respaldar nossas interpretações sobre o fenômeno aqui investigado.

A hipótese geral que norteia essa pesquisa é a de que, na manifestação da modalidade epistêmica, os itens *talvez* e *quem sabe* constituem, respectivamente, a forma não-marcada e marcada, sendo esta última um item em processo de gramaticalização (mudança linguística), podendo funcionar, algumas vezes, como um advérbio de dúvida e, outras, como uma construção formada por pronome + verbo de significação plena, a depender dos propósitos do falante.

Pressupostos Teóricos Variacionista

Os estudos na perspectiva da Sociolinguística Variacionista estão orientados para análise da língua em uso. Sob essa ótica, usar a linguagem não constitui um fato meramente linguístico, mas cada instância de comunicação é, na verdade, um evento humano e, portanto, social e cultural.

Labov (1972a) estabelece como objetivo principal para as pesquisas sociolinguísticas a investigação da língua como um sistema condicionado não apenas por fatores intrínsecos à *langue*, mas por fatores sociais. Esses fatores ora atuam simultaneamente ora agem isoladamente no uso de uma ou outra variante, entendida como duas ou mais formas alternativas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto (LABOV, 1978).

Nesse sentido é que se pode dizer que a Teoria Variacionista busca descrever e analisar as variações presentes no sistema linguístico e os processos de mudança linguística. Labov (*op.cit*) alerta para o fato de que as variáveis linguísticas constituem indicadores dos diferentes tipos de comportamento sociais e que alguns destes estão associados à mudança/variação. Vale lembrar que nem toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, necessariamente, variabilidade (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006).

Outro pressuposto importante, em tal teoria, é o reconhecimento da heterogeneidade linguística como uma característica inerente à língua. O pesquisador é levado, portanto, a examinar, de modo sistemático e não arbitrário, a língua como uma realidade heterogênea (inerentemente variável) e ordenada (inerentemente estrutural) (WEINREICH, LABOV & HERZOG, *op. cit.*).

Essa perspectiva também rompe com a clássica dicotomia saussuriana sincronia/diacronia. Os processos de mudança e variação linguísticas passam a ser vistos na correlação entre sincronia/diacronia, dando origem a uma abordagem panacrônica que considera todo fato linguístico no sistema do qual faz parte e na história do próprio sistema linguístico (PAGLIARO, 1930, p.176 *apud* CAMARA, 1969, p. 45).

No estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov & Herzog (*op.cit*) estabeleceram alguns mecanismos que condicionam tal processo, a saber: *transição*, *restrições*, *encaixamento*, *atuação* e *avaliação*. A *transição* está relacionada à mudança de um estado de língua para outro, que é transmitida dentro de uma comunidade como um todo, e não de pai

para filho. As *restrições*, por sua vez, indicam as condições linguísticas ou extralinguísticas que determinam as possíveis alterações que podem ocorrer na estrutura linguística. O *encaixamento* diz respeito à correlação entre fenômenos em mudança. Busca-se, com esse mecanismo, explicar como determinadas mudanças desencadeiam outro tipo de mudança na estrutura sociolinguística. Na *atuação*, procura-se verificar como uma determinada variante se espalha em uma comunidade. Já na *avaliação*, o pesquisador procura avaliar qual é o significado social que os falantes atribuem às formas variantes.

Com relação ao caráter da mudança linguística, Labov (1994) apresenta duas abordagens: i) mudança em tempo aparente e ii) mudança em tempo real. A primeira é vista como uma projeção que o pesquisador faz ao identificar uma situação de mudança em progresso. A segunda diz respeito ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Tarallo (2001, p.70), “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”.

À luz desses pressupostos teóricos, acreditamos que, na manifestação da modalidade epistêmica, as marcas modalizadoras *talvez* e *quem sabe* constituem variantes de uma mesma variável. Partimos da hipótese de que a marca *talvez* seja a variável conservadora e a marca *quem sabe*, a inovadora. Justificamos essa asserção devido ao fato de o item *talvez* funcionar apenas como um advérbio de dúvida enquanto que a marca *quem sabe* poder assumir duas funções distintas. A primeira está relacionada a uma construção com pronome interrogativo + verbo *saber* de significação plena; e a segunda, como advérbio de dúvida. Além disso, pressupomos que a motivação para o uso de uma ou outra variante esteja relacionada ao princípio de marcação, que diz ser o item não-marcado a forma mais frequente (comum) e a forma marcada a menos recorrente.

Procedimentos Metodológicos

Nos tópicos seguintes, apresentamos os procedimentos metodológicos gerais adotados no presente trabalho. Especificamos a regra variável analisada, o *corpus* utilizado, os grupos de fatores verificados, bem como a codificação-sistematização realizada para a investigação dos dados.

a) Regra variável

A modalidade epistêmica diz respeito ao eixo do conhecimento, da linguagem como informação. É uma categoria linguística que reflete a avaliação do falante¹ sobre a probabilidade/possibilidade de um estado de coisas ocorrer. Nos termos de Quirk *et al* (1985), é o “juízo humano do que é provável acontecer”, podendo ser situada em uma escala de conhecimento medida em graus que parte do absolutamente certo até o impossível (certo > provável > possível > improvável > impossível).

Em relação à sua manifestação, a modalidade epistêmica pode expressar-se de diversas maneiras. Segundo Neves (1996a), pode codificar-se por meio de verbos plenos, categorias gramaticais (tempo/aspecto/modo), substantivos, locuções adjetivas e advérbios.

Nesta pesquisa, consideramos que as marcas *talvez* e *quem sabe* podem assumir o mesmo valor de verdade no que tange à codificação do grau de possibilidade. Analisamos, portanto, a manifestação da modalidade epistêmica na variação de uso entre tais modalizadores.

b) Corpus analisado

¹ No presente artigo, usamos indistintivamente os termos *falante* e *enunciador*.

Para verificar a variação entre os modalizadores *talvez* e *quem sabe*, utilizamos amostras textuais do PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), o qual apresenta três tipos de registros: Elocução formal (EF), constituído de palestras e aulas; Diálogo entre Informante e Documentador (DID), constituído de entrevistas; e Diálogo entre Dois Informantes (D2), constituído de conversas informais entre dois informantes com certa intimidade. Por ser um banco de dados representativo da fala culta fortalezense (todos os informantes têm nível superior completo e são naturais de Fortaleza), esse *corpus* nos permite analisar a variação de uso da modalidade epistêmica na oralidade.

Para a coleta dos dados, utilizamos um total de 42 inquéritos pertencentes aos três tipos de registros (EF – 19; DID – 13; D2 – 10), procurando equilibrar o volume textual em cada tipo de inquérito (aproximadamente 110.000 palavras cada). Do *corpus*, coletamos um total de 105 ocorrências de manifestação da modalidade epistêmica (95 de *talvez* e 10 de *quem sabe*), as quais foram categorizadas e analisadas segundo os critérios linguístico e social.

c) Definição dos grupos de fatores

Uma análise sociolinguística variacionista efetiva-se por meio da explicitação de grupos de fatores que são controlados para a análise da regra variável. Sendo assim, elegemos quatro grupos de fatores – um social e três linguísticos – para o controle da utilização dos modalizadores *talvez* e *quem sabe*:

- a) Tipo de registro: ao observarmos esse fator, objetivamos verificar a frequência de uso dos modalizadores *talvez* e *quem sabe* nos diferentes tipos de registro (EF, DID e D2), de modo que seja possível analisar a influência do grau de (in)formalidade permitido pela interação social na manifestação de tais marcas.
- b) Posição no enunciado: esse grupo de fatores nos possibilitou constatar em que posição na oração são mais utilizadas as marcas *talvez* e *quem sabe*. Consideramos três variáveis² para esse fator: i) início de oração, ii) meio-fim de oração e iii) posição isolada.
- c) Outras marcas modalizadoras no enunciado: esse grupo de fatores visa a analisar a presença ou ausência de marcas modalizadoras subjetivas nos enunciados³ em que ocorrem as marcas *talvez* ou *quem sabe*, tais como: acho que, sei que, acredito que, é possível que, é provável que etc.
- d) Possibilidade *realis* e *irrealis*: ao consideramos esse grupo de fatores, pretendemos analisar o uso das marcas *talvez* e *quem sabe* relacionadas a fatos reais ou irrealis, ou seja, ao modo como o enunciador avalia a factualidade ou não-factualidade das possibilidades/dúvidas/incertezas que manifesta. Para tanto, ressaltamos que não concebemos apenas o fato de a predicação⁴ estar no modo indicativo ou subjuntivo,

² Inicialmente, consideramos as posições início, meio, fim de oração e manifestação isolada das marcas *talvez* e *quem sabe*. No entanto, na rodagem dos dados no programa *GOLDVARB*, não foi verificada nenhuma ocorrência da expressão *quem sabe* em posição final (havendo *knockout*). Por outro lado, a marca *talvez* ocorreu nesta posição, o que nos levou a decidir pela amalgamação de dois fatores de posição, a saber: meio e fim na oração, já que a posição final para esta última marca parecer constituir regra categórica.

³ Assumimos que o enunciado está para o texto assim como a enunciação está para o discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004). Dessa forma, consideramos, para análise deste grupo de fatores, não apenas as sentenças em que ocorreram as marcas *talvez* e *quem sabe*, mas todo o contexto de enunciação necessário para a construção do sentido do enunciado.

⁴ Segundo Dik (1989), a predicação se relaciona ao nível mais básico de constituição dos enunciados. Forma-se por meio de um predicado e seus termos, entidades referenciadoras. De modo geral, designa um estado de coisas, ou seja, algo que pode ocorrer em um mundo real ou imaginário.

mas todo o contexto de enunciação, uma vez não há, necessariamente, uma relação icônica entre indicativo e modo *realis* e subjuntivo e modo *irrealis*.

d) Codificação/sistematização dos dados

Na codificação dos grupos de fatores explicados na seção anterior, utilizamos a seguinte nomenclatura: i) variável dependente – (t) para *talvez* e (q) para *quem sabe* e ii) variáveis independentes – tipo de registro: (e) para EF, (i) para DID e (d) para D2; posição no enunciado: (n) para início de oração, (m) para meio-fim de oração e (s) para posição isolada; outras marcas modalizadoras no enunciado: (p) para presença e (a) para ausência; possibilidade *realis* e *irrealis*: (r) para *realis* e (l) para *irrealis*. O quadro 01, a seguir, resume essa codificação:

Quadro 01: Codificação dos dados

Nº Ocorrência	Modalidade epistêmica	Tipo de registro	Posição no enunciado	Outras marcas modalizadoras	Possibilidade
105	(t/q)	(e/i/d)	(n/m/s)	(a/p)	(r/l)

Com o término da coleta dos dados, procedemos à análise estatística no programa *GOLDVARB*. Esse instrumental metodológico possibilita averiguar, com acuidade, a frequência de cada um dos grupos de fatores especificados anteriormente, bem como a relevância estatística de tais grupos, pois oferece, além de uma análise em percentual, a verificação dos pesos relativos⁵ para a interpretação da variação entre as marcas modalizadoras *talvez* e *quem sabe*.

Análise e Discussão dos Dados

Os resultados da tabela 01, a seguir, representam a verificação da utilização dos modalizadores epistêmicos *talvez* e *quem sabe* nos dados coletados no *corpus*:

a
tabela
01,
podem
os
consta
tar
que,
nos

Tabela 01: Frequência das marcas modalizadoras talvez/quem sabe por tipo de registro

Inquérito	EF (e)		DID (i)		D2 (d)		Total de ocorrências	
Marca	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Talvez(t)</i>	11	78.6	53	93.0	31	91.2	95	90.5
<i>Quem sabe(q)</i>	3	21.4	4	7.0	3	8.8	10	9.5
Total de ocorrências de (t) e (q)	14	13.3	57	54.3	34	32.4	105	100

três tipos de inquéritos (EF, DID e D2), a marca *talvez* (90.5%) ocorreu com maior frequência em relação a *quem sabe* (9.5%). Esses dados corroboram com a hipótese postulada no início deste trabalho, que diz ser aquela a forma não-marcada e esta a marcada. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de o modalizador *quem sabe* ser uma forma que está ainda em um estágio inicial de mudança linguística (gramaticalização). Essa forma pode passar, em

⁵ Os pesos relativos indicam ao pesquisador que grupos de fatores se aplicam ou não à regra variável, ou seja, quais grupos são significativos. Além disso, os pesos relativos variam em uma escala de 0 a 1,0 enquanto os percentuais variam em uma escala de 0 a 100.

determinados contextos, a ser reanalisada como um advérbio de dúvida, deixando de funcionar como uma construção composta por uma forma gramatical e outra independente (item gramatical + item lexical pleno: pronome interrogativo + verbo de cognição). Além disso, essa frequência revela que os falantes tendem a optar mais pela forma conservadora (*talvez*) em vez da inovadora (*quem sabe*).

Dentre os três tipos de registro, o modalizador *talvez* apresentou maior frequência nos inquéritos DID (54.3%) e D2 (32.4%). Isso demonstra que, na Elocução Formal (EF), predomina a certeza. Os enunciadores desse tipo de registro optam, portanto, por construírem enunciados em que o grau de certeza é maior que à dúvida. De certa forma, tal resultado já era esperado, uma vez que a EF é constituída por palestras e aulas. Vejamos as ocorrências (01) e (02), a seguir:

(01) Doc. 1 - e:: a medicina...
ela não tem assim... nenhuma perspectiva de quando vá surgir realmente uma vacina assim eficaz contra a AIDS?...
Inf. - acho que eficaz mesmo ... **talvez** demore um pouco ainda ... eh:: (DID01:07)⁶

(02) Doc. - o que é aí? que a gente {pode dizer ?
Inf. - ((tosse)) não
não não tem nada a ver apenas o:: o sinistro como nós chamamos né? no no no nosso ramo ele::: eu posso dizer que o sinistro é:: uma das características princiPAIS duma pessoa que é considerada superdotada... certo? ((riu)) eu num /tô querendo dizer... que todo sinistro é superdotado ((fala rindo)) certo?... mas isso é uma vanTAGem que vocês têm né? você me disse que é canhota tudo o mais... então **quem sabe** que você não é uma superdotada? (DID21:02)

Nas ocorrências (01) e (02), podemos verificar que os modalizadores *talvez* e *quem sabe* indicam a avaliação que os enunciadores fazem em relação ao grau de possibilidade de ocorrerem os estados de coisas expressos nas predicções. Em (01), o informante, ao mesmo tempo em que manifesta uma opinião subjetiva (*acho que*), avalia como possível o fato de uma vacina eficaz contra a AIDS demorar ainda a ser elaborada. No exemplo (02), o falante indica a possibilidade de a documentadora ser superdotada. A avaliação expressa em (02) parece demonstrar um estado de coisas mais factual (real) que o manifestado em (01). O informante da ocorrência (02) afirma que todo sinistro é superdotado, assim, como a documentadora é canhota, é bem possível que ela seja superdotada. Por outro lado, a avaliação feita pelo falante em (01) apresenta-se no âmbito da não-factuality, uma vez que o predicado que faz parte da predicção encaixada está no modo *irrealis* e indica algo menos possível de acontecer.

Em relação à posição no enunciado, os itens *talvez* e *quem sabe* ocorrem mais nas posições inicial (57.1%) e meio-fim (37.1%). Lembramos que não foram encontradas ocorrências da marca *quem sabe* na posição final, o que nos levou a optar pela amalgamação dos fatores de posição meio e fim, como podemos observar na tabela 02, a seguir:

⁶ A codificação (DID01:07) significa: tipo de registro, número do inquérito em que foi encontrada a ocorrência e número da ocorrência no tipo de registro.

Tabela 02: Frequência de talvez/quem sabe conforme a posição que aparecem no enunciado

Posição	Início (n)		Meio/fim (m)		Isolado (s)		Total de ocorrências	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Marca								
<i>Talvez(t)</i>	53	88.3	38	97.4	4	66.7	95	90.5
<i>Quem sabe(q)</i>	7	11.7	1	2.6	2	33.3	10	9.5
Total de ocorrências de (t) e (q)	60	57.1	39	37.1	6	5.7	105	100

É interessante notar que a posição isolada é pouco frequente, revelando que esses itens *talvez* e *quem sabe* incidem, mais comumente, sobre a predicação. Outro aspecto que podemos ressaltar é o fato de os modalizadores *talvez* e *quem sabe* poderem ocorrer associados ao marcador discursivo *né* na posição isolada. Isso acontece quando o falante deseja enfatizar sua dúvida ou mesmo “solicitar” uma confirmação desta ao interlocutor. Vejamos as ocorrências, a seguir, que exemplificam esse grupo de fatores:

(03) Lado DIREITO numa linguagem psicanalítica falando é um LAdo de razões é um lado que trabalha somente com razões e o lado esquerdo é um lado muito emotivo muito sentimental... CERTO? **quem sabe** você não /tá trabalhando só seu lado sentimental ((fala rindo)) (DID21:03)

(04) Inf. - o cinema brasiLEIro quando começou o cinema nacional teve muita dificuldade né?... que que /tava mal começando a produção... aí teve que passar pro cinema sonoro isso foi u::ma um problema uma {dificuldade muito grande
 Doc. - de equipamento mesmo
 Inf. - então o problema de equipamento o público:: tinha dificuldade de... de ouvir:: num entender às vezes...
 Doc. - {(sei)
 Inf. - porque
 o... não só... o som do dele **talvez** num fosse BOM como também o som do cinema né? (DID15:48)

(05) **Talvez** você tenha razão... **talvez** ele tenha chaMAdo de TRANsitividade morfológica por causa da FORma como se manifesta... DE e:: MUda né? de língua pra língua... **talvez** seja isso... ()... (EF25:09)

(06) Inf. 1 - agora:: o que eu{ VEjo... é o... é o padre A.
 Inf. 2 - quem que vai fazer a a?... padre A.
 Inf. 1 - é... ele tem muita ad{miração:: pelo padre A. Né?
 Inf. 2 - uhn uhn... é... **quem sabe** né?... (D239:01)

As ocorrências (03), (04) e (06) ilustram, respectivamente, as posições inicial, meio-fim e isolada. É importante ressaltar que consideramos como posição inicial o fato de a marca aparecer antes do sujeito da oração em que ela ocorre. Quanto à posição meio-fim, esta foi

classificada quando o modalizador se apresentou entre o sujeito e o verbo ou no final de toda a oração. A posição isolada, por sua vez, foi considerada quando o item apareceu sozinho ou acompanhado de um marcador discursivo, o qual exerce uma função discursiva e não gramatical (elemento extra-oracional). Em (05), temos um caso de repetição da marca modalizadora *talvez* no início de cada oração. O falante reforça, em seu enunciado, a dúvida em relação ao fato de a transitividade ser um critério morfológico. Isso ocorre devido à hesitação própria da oralidade.

No que diz respeito à presença ou ausência de outras marcas modalizadoras no enunciado em que aparecem os itens “*talvez*” e “*quem sabe*”, constatamos que existe uma maior tendência de esses advérbios constituírem a única marca de possibilidade/dúvida/(in)certeza presente no enunciado (79.0% de ausência), como podemos observar na tabela 3, a seguir:

Tabela 03: Frequência de talvez/quem sabe segundo a presença ou ausência de outras marcas modalizadoras no enunciado

Marca	Presença (p)		Ausência (a)		Total de ocorrências	
	N	%	N	%	N	%
<i>Talvez(t)</i>	21	95.5	74	89.2	95	90.5
<i>Quem sabe(q)</i>	1	4.5	9	10.8	10	9.5
Total de ocorrências de (t) e (q)	22	21.0	83	79.0	105	100

Assim, quando há a presença no enunciado de outras marcas modalizadoras em que ocorrem os itens *talvez* e *quem sabe*, elas aparecem associadas, em geral, às construções complexas com verbos de cognição, indicando crença ou opinião, mais especificamente àquelas em que se dá o encaixamento de orações completivas objetivas diretas. Nesse caso, o advérbio aparece na oração encaixada que exerce a função de objeto direto da primeira oração, como podemos verificar na ocorrência (07) apresentado adiante:

- (07) Inf. - é o nome é... eu sei que era já ((ruído)) feito com algodão costurado e tudo num era esse sutiã que... são leves hoje em dia né? SÓ o o MALho né?... não ali eles já eram FEItO... como se fosse como um colchão... num tem o colchão por isso que eu chamo alchocha/ alchochado eu num sei o nome bem... então eles... e/ eram feita de () {só usar
- Doc. - espartilho não?
- Inf. - ...não espar{tilho era era
- Doc. - não é::...é dife{rente
- Inf. - é é aqueles ferrinho/ que botaram tam{bém pra deixar bem
- Doc. - é mais antigo
- Inf. - ...de/ mas e tinha os espartilhos também né? era {colocado
- Doc. - uhn
- Inf. - ...pra deixar bem pontiagudo mesmo sabe?...
- Doc. - uhn
- Inf. - então QUANto mais pontiagudo seu peito quanto mais assim né?... bem... mais solicitada você você mais era bem vista aí fulana é LINDa sabe?... eh **eu acho que talvez** na época era a parte do corpo emBORa... já tivesse aquela coisa do ideal da mulher bem feita...
- Doc. - uhn (DID12:37)

No exemplo (07), o falante, além de expressar uma opinião subjetiva, avalia, em termos de seu conhecimento, o grau de possibilidade de sua afirmação (a mulher de seios pontiagudos era a mais bem quista na época em que a informante era jovem). Podemos dizer que, nesse caso, o informante avalia duplamente seu enunciado tanto em relação ao nível de comprometimento como ao grau de certeza. Como observamos, na tabela 03 apresentada anteriormente, o número de ocorrências desse tipo é menos frequente. Isso revela que, na oralidade, predomina a economia linguística. O falante prefere optar por avaliar seu enunciado ou em termos de seu nível de (des)comprometimento ou de seu grau de (in)certeza.

Quanto ao modo *realis* e *irrealis*, verificamos que ambos os itens analisados, neste trabalho, podem aparecer em enunciados no modo *realis* (55.2%) e *irrealis* (44.8%), tal como mostra a tabela 04, a seguir:

Tabela 04: Frequência de talvez/quem sabe conforme o modo *realis* e *irrealis*

Possibilidade/d úvida/incerteza	<i>Realis</i> (r)		<i>Irrealis</i> (l)		Total de ocorrências	
	N	%	N	%	N	%
<i>Talvez</i> (t)	56	96.6	39	83.0	95	90.5
<i>Quem sabe</i> (q)	2	3.4	8	17.0	10	9.5
Total de ocorrências de (t) e (q)	58	55.2	47	44.8	105	100

No modo *realis*, as afirmações são apresentadas como pertencentes ao universo factual (são pressuposições do falante). Por outro lado, no modo *irrealis*, estas assumem um caráter de menor certeza, uma vez que constituem hipóteses do falante, tal como exemplificam, respectivamente, as ocorrências (08) e (09) adiante:

(08) Inf. 1 - e/...
então eu fico pensando... o o engenheiro ah então eu fui até::a::a::a quitanda lá pra comprar umas laranjas e umas... verdura fruta aqui em casa... E:: o rapaz /tava me dizendo... a senhora veja...”quem mais trabalha AÍ são esses operários... porque passam o dia TODim neste sol... desde sete horas da manhã aTÉ à noite... até cinco seis horas... são Eles ali... eh:: tirando aquela areia é verdade que tem aquele:: aquela pá mecânica... mas eles estão LÁ empuRRANdo soCANdo... E... olha aí comé que eles come? o engenheiro vem aqui talvez sendo uma vez por semana... no carrão dele ba/ “eh o rapaz falando pra mim né?... chega na:: e::... bota o Carro AÍ... num vai lá olha e tal.....vem aquele... apontador ”que ele chamou apontador... “e MOStRa a Ele o serviço:: conversa com ele ali ele num passa nem meia Hora... aqui na obra... (D2239:26)

(09) ... eu prefiro acreditar que o universo seja uma serpente engolindo a própria cauda ()... porque aí não terá sentido... é o sistema estelar... AÍ QUEM sabe se um DIA o tão combatido Aristóteles que resolvia tudo dizendo “isso É porque É”... volte a... ao IBOPE... né? (EF53:02)

A ocorrência (08) constitui um caso de avaliação de uma pressuposição do falante. O informante compara o fato de os operários de uma obra terem uma rotina de trabalho dura e

pesada enquanto o engenheiro responsável, que aparece uma vez por semana no local da construção, trabalha bem menos. É importante perceber que o *talvez* assume, na fala do enunciador, um valor axiológico cujo objetivo é orientar a construção de uma imagem negativa do engenheiro da obra pelo interlocutor. No exemplo (09), percebemos que a avaliação do falante não recai sobre um fato, já que o enunciador avalia, no âmbito das ideias e não dos fatos, a possibilidade de o pensamento de Aristóteles um dia voltar a ter a mesma influência de outrora.

O fato de o falante avaliar seu enunciado, seja a partir de uma pressuposição ou de uma hipótese, constitui um traço distintivo com relação ao uso das marcas *talvez* e *quem sabe* no *corpus* analisado. Isso pode ser reforçado ao verificarmos a alta frequência do item *quem sabe* no modo *irrealis* (8 ocorrências de 10). Por outro lado, o *talvez* ocorreu mais no modo *realis* (56 ocorrências de 95). Isso pode demonstrar que o *talvez* é mais utilizado para indicar fatos enquanto que o *quem sabe* para asserções pertencentes ao universo da irrealidade (não-factuality).

Considerações finais

Neste trabalho, consideramos a hipótese de que, na manifestação da modalidade epistêmica, os itens *talvez* e *quem sabe* constituem, respectivamente, a forma não-marcada e marcada. Pudemos constatar que, nos três tipos de inquéritos do PORCUFORT (EF, DID e D2) investigados, a marca *talvez* ocorreu com maior frequência em relação a *quem sabe*, o que corrobora positivamente para a confirmação de nossa hipótese.

Isso pode ser explicado pelo fato de o modalizador *quem sabe* ser uma forma que está ainda em processo de mudança linguística, podendo funcionar, a depender do contexto e dos propósitos enunciativos do falante, ora como uma construção composta por uma forma gramatical e outra independente ora como um advérbio de dúvida. Além disso, verificamos que essa alta frequência de *talvez* revela que os falantes tendem a optar mais pela forma conservadora que pela inovadora.

Em relação aos três tipos de registro, constatamos que o modalizador *talvez* apresentou maior frequência nos inquéritos DID e D2, mostrando que, na EF, predomina a certeza.

Quanto ao grupo de fatores posição, os itens *talvez* e *quem sabe* ocorreram mais nas posições inicial e meio-fim. Lembramos também que não aconteceram casos, em nosso *corpus*, de *quem sabe* na posição final, o que nos levou a optar pela amalgamação dos fatores de posição meio e fim.

Na análise do grupo de fatores presença ou ausência de outras marcas modalizadoras no enunciado, constatamos que há uma tendência de os advérbios *talvez* e *quem sabe* constituírem a única marca de possibilidade/dúvida/(in)certeza presente no enunciado. No que diz respeito aos fatores *realis* e *irrealis*, pudemos observar que esse grupo de fatores constitui um importante traço distintivo entre os modalizadores *talvez* e *quem sabe*. Aquele é mais utilizado para afirmações factuais enquanto este para asserções pertencentes ao universo da não-factuality.

REFERÊNCIAS

- DIK, C.S. **The theory of functional grammar**. Parte 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989.
- CÂMARA, J. M. **Princípios de Linguística Geral**, 4 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972A
- _____. **Principles of linguistic change**. Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- NEVES, M. H. de. **O ensino da gramática**. São Paulo: Linha D'Água, 1996A.
- QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G. and SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. London: Longman, 1985.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo, Editora Parábola, 2006.